A BIONECROPOLÍTICA EM CONTEXTOS DE PANDEMIAS: UM ESTUDO ACERCA DA COVID-19 E HIV/AIDS

Maria Alice Alves[1]
Nayron Vitor do Nascimento Barbosa[2]

TABA 10 - Milton Santos, Frantz Fanon e Achille Mbembe Necropolítica, territórios e políticas higienistas-eugenistas.

INTRODUÇÃO

No curso da história, a humanidade passou/passa por inúmeras endemias, epidemias e pandemias. As relações entre micróbios e humanos, na maioria das vezes, é benéfica para ambos, mas em outras ocasiões causam sofrimento e morte para um dos lados. Dessa forma, para o combate dessas infecções foram desenvolvidos saberes que buscaram esmiuçar o caráter biológico e saberes que, de certa forma, cristalizam os medos e temores que se refletem na forma de estigmas.

Tomando os discursos de Foucault, Achille Mbembe e Berenice Bento como referência, nota-se que nas pandemias de HIV/AIDS e do Coronavírus, que serão precisamente enfatizadas neste estudo, há semelhanças no que diz respeito às políticas de gestão à vida. Apesar de que em ambas as infecções o organismo infectante não ter predileção, ou seja, afeta todos os humanos, percebe-se que determinados corpos, ou determinados grupos, são usados como alvo. Em consequência disso, os poderes tem usado tecnologias de caráter seletivo que culmina na morte de alguns para privilégio na vida de outros.

Diante do exposto, este estudo é de grande relevância, visto que é preciso analisar as ações do Estado para com os grupos vulneráveis, a fim de que se possa diagnosticar as suas políticas e ações nocivas à integridade da população, sobretudo às minorias.

Destarte, o objetivo desse estudo é refletir sobre como as noções de necrobiopolíticas foram e são presentes no combate às pandemias, precisamente no tocante ao HIV/AIDS e ao Coronavírus, e como tais relações representam um projeto político de morte a uma parcela da população brasileira.

REFERENCIAL TEÓRICO

Há aproximadamente cinquenta anos, com o surgimento das infecções por HIV (vírus da imunodeficiência humana), o desconhecimento do vírus e do que ele causava intensificou uma série de discursos estigmatizantes na sociedade civil e nas autoridades políticas e

[1] Universidade Federal do Delta do Parnaíba, E-mail: alice.psi.31@gmail.com
[2] Universidade Federal do Delta do Parnaíba, E-mail: nayron.n.b@ufpi.edu.br

científicas. Hoje, no entanto, conforme Leite (2015), apesar dos avanços terapêuticos e medicamentosos no combate às doenças oportunistas relacionadas à AIDS (Síndrome de Imunodeficiência Adquirida) terem proporcionado significativas melhorias na qualidade de vida, esses ainda são insuficientes para aplacar e desconstruir os estigmas de ordem simbólica, baseadas em antigas "metáforas da doença" (BRASIL, 2012).

Por outro lado, o Coronavírus que foi inicialmente encontrado em Wuhan, na China, e posteriormente se difundiu em escala global em consequência da globalização, paralisou o mundo, fluxos internacionais de mercadorias e de pessoas. Simultaneamente, como aponta Ferreira et al. (2020), os efeitos indiscriminados gerados por essa nova dinâmica revelam um misto de comportamentos, sensações e posturas, entre as quais destacamos o medo, a ansiedade, a cautela, a preocupação, e acima de tudo a solidariedade. Além disso, a disseminação da Covid-19 (doença do Coronavírus 2019), também desencadeou grandes epidemias ideológicas latentes em nossas sociedades através do preconceito e alienação (ŽIŽEK, 2020).

PERCURSO METODOLÓGICO

O presente trabalho trata-se de uma revisão narrativa da literatura. E para tanto, este estudo analisou teses, dissertações, livros e artigos científicos da literatura nacional e internacional presentes nas seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciência da saúde (LILACS), Google Scholar e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). O processo de seleção do arcabouço teórico foi realizado de forma assistemática em periódicos publicados no período entre junho a agosto de 2020, e em cada base de dados acima, foram utilizados os seguintes descritores: "necropolítica" e "HIV/AIDS" e "COVID-19". Além disso, foram estabelecidos critérios de inclusão como: trabalhos que estivessem de acordo com a temática central da presente revisão, e após aplicação dos descritores para o título e resumos; produções recentes entre 2015 a 2020 sendo excluídos aquelas anteriores ao período de corte e sem relevância com o tema. Por fim, para processo analítico, foi elaborada a seguinte pergunta norteadora: como se manifestam as bionecropolíticas nas pandemias de HIV/AIDS e Covid-19 no contexto brasileiro? Ademais, a partir da leitura do material coletado, foram extraídos os seguintes eixos temáticos: Do poder sobre o corpo ao poder sobre a vida; HIV; Coronavírus.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Segundo Foucault, com a formação dos Estados Modernos, o direito à vida era de domínio de um soberano, o qual tinha o poder de decidir quem deveria viver ou quem deveria morrer. No entanto, no decorrer dos séculos XVII e XVIII, percebeu-se que o poder se dissolve e é exercido através de instituições, convenções sociais e morais, organizações, dentre outras

que se unem em microesferas para exercer autoridade sobre os corpos (LIMA, 2018; SILVA, 2019). Assim, observamos a passagem de um regime onde a vida era de domínio de um soberano, para um regime no qual os corpos são disciplinados e "assujeitados", e a vida deve ser potencializada, por meio do controle da espécie, ou seja, um regime onde coexistem uma a anátomo-política do corpo humano, e uma biopolítica da espécie humana, a qual Foucault denomina Biopoder (FOUCAULT, 1999).

Por conseguinte, o sistema capitalista que é baseado na distribuição desigual da oportunidade de viver e de morrer, segundo corrobora Mbembe, opera com a ideia de que uns valem mais que outros. Desse modo, o exercício do poder na contemporaneidade estaria centrado no fazer morrer e deixar viver as vidas que são potencialmente importantes para a sustentação de um bem comum: o Necropoder (MBEMBE, 2011).

No contexto brasileiro, tanto o necropoder quanto o biopoder, o que Berenice Bento denomina de necrobiopoder, se fazem presentes, visíveis e indivisíveis. O Estado brasileiro conta com tecnologias planejadas e sistemáticas que fazem morrer, porque ao mesmo tempo que investe em promoção da vida a partir de uma hierarquia, retira deles a possibilidade de reconhecimento como humano, como no sistema carcerário, na população em situação de ruas, e os mais afetados foram: negros, quilombolas, indígenas, ciganos, favelados, LGBTQIA+, e particularmente em nossa discussão, os que convivem com o HIV/AIDS e as vítimas da pandemia do Coronavírus (BENTO, 2018).

Conforme aponta Silva (2019), fora os sintomas do corpo, as pessoas com HIV/AIDS experimentaram um sintoma social e psicológico, na qual passaram a se sentir excluídas da sociedade por conta desta estratificação social influenciada pelo higienismo. O moralismo vigente, acentuou ainda mais as violências sobre estas pessoas que já eram discriminadas por conta da cor de pele, expressões sexuais e de gênero, caracterizando como um duplo estigma ou estigma suplementar, pois, bem como a doença em si, o estigma se constitui como uma questão central na fronteira saúde-doença.

Em consonância, é neste sistema de dominação que entra o "dispositivo da AIDS", discutido por Pelúcio & Miskolci (2009), o qual se distingue pela seletiva prescrição de meios de controle e normalização dos comportamentos, ou seja, aplicam-se mais regras a determinadas pessoas do que outras. Conforme Silva (2019), a face operacional do biopoder, das biopolíticas e do "dispositivo da AIDS", no tocante às ciências e produção de saberes, surgiram ramificações discursivas atuais, cuja a instituição de saúde como fonte de saber, contribui para formar uma imagem negativa de pessoas vivendo com o HIV, ao associar o vírus a um "grupo de risco" (CAZEIRO et al, 2020).

Por outro lado, no final de 2019, aconteceu uma reviravolta no sistema de saúde global pelo vírus do coronavírus, doença essa nomeada de Covid-19 ou SARS-CoV2 (síndrome respiratória aguda severa/coronavírus 2). A princípio, os maiores números de casos estavam concentrados em países desenvolvidos como China, Itália e Estados Unidos. No entanto, a disseminação do vírus nos países subdesenvolvidos, como o Brasil, intensificou, e tem intensificado, as desigualdades que já existiam e os descasos do poder público para com os grupos sociais vulneráveis (GOES et al, 2020; FRIEDE, 2020).

Nessa perspectiva, no Brasil, o necrobiopoder faz incidir de pior forma os locais cronicamente deficientes socioeconomicamente, sem acesso a saneamento básico, cuja população depende quase exclusivamente do SUS. Portanto, hoje no Brasil, a maioria das pessoas que são acometidas e apresentam um pior prognóstico da Covid-19, são: ou pretas, ou faveladas, ou com baixa renda, ou indígenas ou moradores de rua (GOES et al, 2020). Infere-se, portanto, que assim como determinadas populações foram alvos das necrobiopolíticas na pandemia do HIV/AIDS, na pandemia da Covid-19, a determinação de alvos é clara.

Desse modo, os inimigos escolhidos pelos mecanismos da bionecropolítica sofrem perseguição, preconceitos e até mesmo negligência das instituições médicas e políticas. Essa eleição de inimigo se dá pelo o que Butler (2017) chama de enquadramentos seletivos ou sociais, econômicos e culturais impostos pelas instituições que perpassam o poder. Elas determinam o que pode e o que não pode ser considerada como vida vivível, pois, através desses enquadramentos seletivos há corpos que serão destituídos da noção de importância de viver e, consequentemente, tornam-se corpos, aos olhos do Estado como estruturas passíveis de morrer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciou-se que as bionecropolítica são estratégias que os governos utilizam para se desfazer de corpos que possui um vasto histórico de marginalização. Diante disso, em cenários de epidemia e pandemias tais práticas são mais bem evidenciadas em face das iniciativas dos governos e instituições. É necessário entender que assim como foi com o HIV/AIDS na década de 80, está se repetindo de 2019 até o presente momento.

Nesse viés, podemos observar que os fatores socioeconômicos, culturais e políticos contribuíram, nas duas pandemias, para que fossem mais rigorosas, sobretudo a determinados grupos sociais mais vulneráveis. Na primeira, a comunidade negra, pobre e em especial à LGBTQIA+ foram os principais alvos de negligência pelo Estado. Já na pandemia do presente momento, os alvos das bionecropolíticas do Estado são: negros, favelados, com baixa renda, indígenas e moradores de rua (GOES et al, 2020).

Palavras-chave: Necropolítica. HIV/AIDS. COVID-19.

REFERÊNCIAS

BENTO, B. Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação? **cadernos pagu**, n. 53, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais. Atenção em saúde mental nos serviços especializados em DST/Aids / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais. – Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

BUTLER, J. Quadros de Guerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2017.

CAZEIRO, F; SILVA, G.S.N; SOUZA, E.M.F. Necropolítica no campo do HIV: Algumas reflexões a partir do estigma da AIDS. Cien Saude Colet [periódico na internet] (2020/Abr). [Citado em 19/07/2020]. Está disponível em: http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/necropolitica-no-campo-do-hiv-algumas-reflexoes-a-partir-do-estigma-da-aids/17560?id=17560&id=17560.

FOUCAULT, M. (1999). Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo, Martins Fontes,1999.

GOES, E. F.; DE OLIVEIRA RAMOS, D.; FERREIRA, A. J. F. Desigualdades raciais em saúde e a pandemia da Covid-19. 2020.

LIMA, F. Bio-necropolítica: diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe.Arq. bras. psicol., Rio de Janeiro, v. 70, n. spe, p. 20-33, 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000400003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 jul. 2020.

MBEMBE, A. A universalidade de Frantz Fanon. Este artigo é o prefácio do livro de Frantz Fanon Œuvres, publicado pela La Découverte em outubro de, 2011. Recuperado de http://www.buala.org/pt/da-fala/a-universalidade-de-frantz-fanon-de-achillembembe.

SILVA, F. C. da. Histórias posit (HIV)as de gays e pessoas trans: dos estigmas à cidadania. 2019. 174f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

ŽIŽEK, S. Coronavirus es un golpe al capitalismo al estilo de 'Kill Bill'y podría conducir a la reinvención del comunismo. **Sopa de Wuhan: Pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemia**, p. 21-28, 2020.